

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina a exposição

JEAN-MICHEL

BASQUIAT

OBRAS DA COLEÇÃO MUGRABI

ERA UMA
VEZ NUMA
CIDADE



PROGRAMA CCBB EDUCATIVO
DIÁLOGOS E SENTIDOS

De que forma é possível conversar sobre os conceitos presentes nas instituições culturais de maneira que as crianças compreendam? Como apresentar movimentos, técnicas, períodos e linguagens para esse público que está dando seus primeiros passos nesses ambientes? Na essência da proposta pedagógica do **Programa CCBB Educativo**, está a questão da acessibilidade. A instituição cultural precisa levar em consideração seu público. Uma história bem contada para os jovens visitantes também será uma história bem contada para visitantes mais experientes.

Através do olhar de uma menina nascida no Bronx, conheceremos a Nova York das décadas de 1970 e 1980, com o surgimento da Pop Art, do movimento Hip-Hop, da força do grafite e da arte de rua. Foi esse "caldeirão cultural" que tanto influenciou a vida e o trabalho de **Jean-Michel Basquiat**.

Com esta exposição, o **Centro Cultural Banco do Brasil** reafirma o compromisso com a ampliação do acesso à cultura e a formação de público, desta vez com a obra de um jovem considerado um gênio da arte urbana.

Boa leitura e divirtam-se!

Centro Cultural Banco do Brasil

ERA UMA VEZ NUMA CIDADE



JEAN-MICHEL
BASQUIAT
OBRAS DA COLEÇÃO MIGRARI

Texto: Daniela Chindler **Ilustrações: Cíntia Faria**

Nasci em dezembro na Big Apple, na Grande Maçã!

Gosto de imaginar a cegonha voando entre os flocos de neve, porque em dezembro faz frio aqui, em **NOVA YORK**. E por que dariam esse apelido a uma cidade? Antigamente os prêmios das corridas de cavalos eram chamados de “maçãs” – aposto que é porque os cavalos adoram comer essa fruta –, e os jóqueis desejavam participar do torneio na cidade que dava grandes prêmios. Um dia, um jornalista de esportes nova-iorquino escreveu em sua coluna que todos queriam competir na “Big Apple”, e daí surgiu o nome.

Meu pai e seus amigos, músicos de jazz, sempre dizem:

“Há muitas maçãs na árvore, mas somente uma grande maçã”.

Isso porque Nova York era a cidade onde eles mais gostavam de se apresentar...



Sou do Bronx, uma região de Nova York onde podem ser ouvidas várias línguas diferentes pelas ruas. Aqui vivem americanos negros, famílias de imigrantes italianos e muitos moradores de origem hispânica, ou seja, vindos de países de língua espanhola. Minha mãe é porto-riquenha, e meu pai, americano.

Meu nome é Dolores Rodríguez, mas todo mundo me chama de Lola.

Fui batizada assim em homenagem à poetisa de Porto Rico Lola Rodríguez, que escreveu “Mis Cantos”. Na vizinhança, quase todos falam espanhol.



As ruas do Bronx eram perigosas, e a mãe ficava preocupada quando eu saía para pular corda com minhas amigas. Mas aqui também é o bairro do Jardim Botânico e do Zoológico.

Eu adorava colorir, nos papéis grandes que papai trazia do escritório, girafas e os enormes búfalos bisontes que me impressionavam.



Meus tios moravam em outra região, no Brooklyn, e sempre que íamos vê-los mamãe aproveitava para me levar ao museu que tem lá. São cinco andares e várias coleções: arte egípcia, asiática, africana, europeia, americana e arte contemporânea. É gigante, um dos maiores dos Estados Unidos. Eu gostava tanto de visitar o Museu do Brooklyn que até ganhei uma carteirinha de membro júnior.

Uma vez, eu e mamãe atravessamos a ponte do Brooklyn e fomos para a ilha de Manhattan visitar o

MoMA, que é o Museu de Arte Moderna de Nova York.

Estávamos de mãos dadas quando entrei na galeria e vi o enorme mural de Guernica. Fiquei assombrada.

Não conseguia nem piscar na frente daquela pintura de três metros e meio de altura por quase oito metros de comprimento. Picasso teve que usar uma escada para pintá-la. As cores da obra em tons de cinza azulado são noturnas, ela é sombria e mostra o pesadelo e a dor dos moradores da cidade espanhola Guernica, bombardeada por aviões alemães. Talvez Picasso tenha usado essas cores para o mural parecer com uma página de jornal e todos saberem que aquilo aconteceu.



Eu só sei que ver Guernica foi uma das coisas mais importantes que me aconteceram quando era criança.

No alto da tela, tem uma única lâmpada que ilumina o ambiente. Seu brilho tem pontas recortadas, como um clarão, uma referência às bombas que caíram sobre a cidade. A luz também lembra um olho que observa tudo.

Tenho dois irmãos mais velhos, por isso havia bonecos e quadrinhos por todos os cantos da casa e brincávamos os três juntos.

O Aquaman, o Lanterna Verde, a Mulher-Maravilha, o Superman e o Batman eram nossos preferidos. Mas eu sentia falta de outras heroínas, por que só uma mulher entre tantos homens?

Além disso, queria uma que se parecesse comigo. Foi assim que comecei a desenhar minhas próprias aventuras e criei uma heroína com ares de realeza: Super Queen Lola, de cabelo black igual ao meu.



Meu pai me mostrou um segredo das revistas em quadrinhos:

a técnica de Benday.

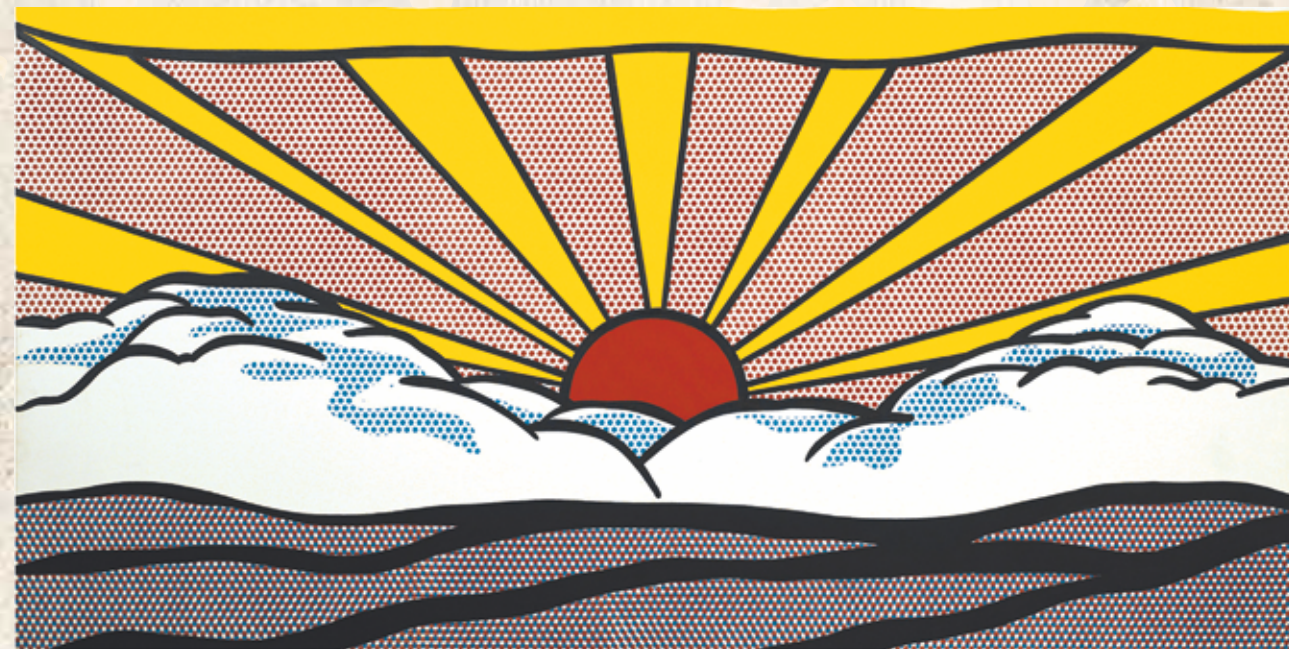
Usando pontinhos de apenas quatro cores - magenta (esse tipo de rosa aqui ao lado), ciano (azul-claro), preto e amarelo - é gerado um efeito óptico, e nossos olhos veem as cores que não estão ali impressas.



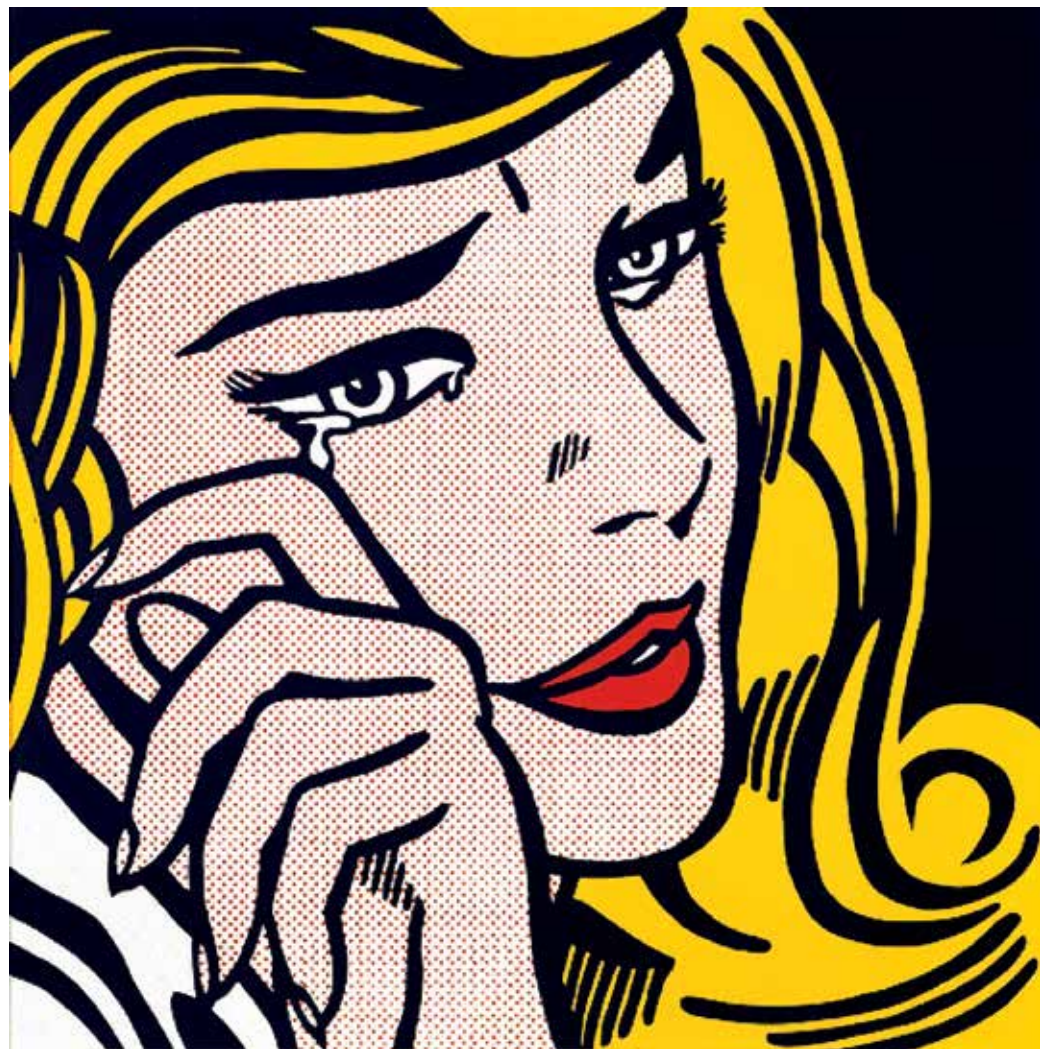
Dessa forma o roxo, o verde, o vermelho e o laranja são criados apenas na nossa retina. A técnica evoluiu, mas o processo de separar em pontos dessas quatro cores continua até hoje. E foi assim também que essa história foi impressa.

Papai me apresentou também o pintor Roy Lichtenstein, que tinha duas coisas parecidas comigo: nasceu aqui, em Nova York, e adorava quadrinhos.

Ele achava que um detalhe nas revistinhas, como um beijo, o nascer do sol ou uma despedida, ganhava vida na pintura e por isso reproduzia essas cenas em grandes dimensões nas telas. Lichtenstein se divertia escolhendo as imagens que iria pintar, folheando os quadrinhos.



Reparem aqui como **Roy Lichtenstein** traça os contornos pretos típicos das revistinhas e brinca com os pontos Benday, ampliando-os.



Ele fez parte de um movimento chamado **Pop Art** (abreviação das palavras em inglês **Popular Art**),

que falava do excesso do consumo usando imagens encontradas em cartazes, revistas e objetos do nosso dia a dia.

Lichtenstein tem uma série de pinturas que mostram garotas loiras chorando ou enxugando as lágrimas. Por que será? Papai falou que eram imagens clichês, ideias que, de tão repetidas, acabam se tornando um “lugar comum”.

Por que motivo as mulheres precisam ser fracas e salvas?

Minha heroína Super Queen Lola vai ser durona e valente.



Adoro passear pela cidade. No ônibus, tento sentar na janela para ir olhando as ruas. Fico reparando nos grafites pintados nos muros e nos prédios abandonados.

Daí comecei a notar uma palavra que eu não conhecia: SAMO.

Não parecia ser inglês, muito menos espanhol.

Descobri que era uma sigla e uma assinatura do artista **Basquiat** e do seu parceiro, **Al Diaz**.

SAMO – "same old shit"

– quer dizer, em português, "a mesma merda de sempre".
Ops! Desculpa pelo palavrão.

Os dois eram espertos, SAMO estava por todo o centro de Nova York – em Manhattan e nos vagões dos trens. Os nova-iorquinos começaram a se perguntar quem eram os autores das frases grafitadas, e o jornal The Village Voice publicou um artigo. Foi quando Basquiat começou a ficar conhecido.

Qual instituição tem mais influência política?

- Televisão
- Igreja
- SAMO
- McDonald's



Ele e eu tínhamos muitas coisas em comum. A mãe de Basquiat também era porto-riquenha, ele amava Nova York e, assim como eu, achava que mais heróis negros precisavam ser representados nas pinturas.



Basquiat decidiu que os negros seriam os protagonistas, os heróis na maioria de suas obras.

Em sua tela "Per Capita", o lutador de boxe Cassius Clay tem uma auréola radiante sobre a cabeça. Em 1960, aos 18 anos, o atleta conquistou a medalha de ouro na Olimpíada de Roma. Ao chegar nos Estados Unidos, Cassius jogou a medalha no Rio Ohio como um protesto pelo racismo presente na sociedade americana. Nos jogos de Atlanta, em 1996, 36 anos depois, já conhecido como Muhammad Ali, o pugilista foi a personalidade escolhida para acender a pira olímpica.





Aqui em casa todo mundo é da música.

Papai sempre bota para tocar na vitrola os discos em vinil dos grandes mestres de jazz. Sou fã de Charlie Parker, Miles Davis e Nina Simone. Mas meu preferido é o Ray Charles tocando *soul music*. *Soul* significa “alma” em inglês. A música na cultura negra é muito importante: é um *hobby*, mas também uma forma de se expressar e até de rezar. Ray Charles misturou a música gospel cantada nas igrejas com o ritmo do *blues* e do *jazz*.

Meus irmãos são do rap: uma combinação de ritmo e poesia.

O canto no *rap* é mais falado, sua mensagem é quase como um discurso. Papai disse que lembra os discursos do Malcon X, um dos nossos grandes líderes, símbolo da luta contra o racismo.

O grupo de rap Public Enemy cantou:

“Too black, too strong”, que quer dizer “Muito negro, muito forte”.

Meus irmãos são péssimos em desenhar, mas ótimos em rimar. Nos duelos, os dois *rappers* se desafiavam e podia parecer que um estava ofendendo o outro cantando, mas, na realidade, era só uma competição para ver quem se saía melhor improvisando rimas.

Os *rappers* pegam a base de uma música, que chamamos de *sample* (às vezes é até uma música famosa), e fazem a rima por cima. É daí que surge o *scratch*, aquele movimento de ir para frente e para trás com o disco, que dá a impressão de que o vinil está arranhado.

Meus irmãos pesquisam todo tipo de música para “samplear” e fazer rimas por cima.

Eles também andam sempre com o *boombox*, aquele aparelho de som grandão.

No meu bairro, no Bronx, surgiu o *hip-hop*. Afrika Bambaataa, um dos inventores, falou que o estilo era uma novidade interessante (*hip*) que fazia com que as pessoas quisessem se mover (*hop*). Mas *hip* também é o nome dos quadris em inglês, então há quem pense que o nome vem da ideia de balançar os quadris durante a dança.

Basquiat aprendeu muito nas ruas de Nova York, onde por todo lado se curti o hip-hop.

Os haitianos e os porto-riquenhos, como a nossa família, adoravam o estilo. Uma vez, Basquiat leu um livro de Biologia que explicava em que áreas do cérebro a gente aprendia a usar a mão como ferramenta e as palavras. Aí ele foi para o palco, pegou o microfone – com o livro na mão – e improvisou esse poema:

*“O homem pode ir à lua
com o cérebro e a mão
O homem pode dividir o átomo
com o cérebro e a mão
O homem pode ver as estrelas
com o cérebro e a mão.”*



Outro dia, estava ajudando a arrumar as latas na despensa da cozinha.
Eram duas latas de milho, uma de feijão e três de sopa.

Aí me lembrei do Andy Warhol. **A primeira exposição dele foi justamente com latas de sopa Campbell, seu prato favorito.**

Eram 32 telas com a mesma lata de sopa representada: 32 sopas, uma de cada sabor, expostas na galeria em fileiras, como se fossem produtos em uma prateleira de supermercado.

Warhol estava falando da cultura de massa ao retratar os produtos que consumimos no nosso dia a dia, como sopa, refrigerante e sabão em pó.

Ele é um dos grandes nomes da Pop Art.

Warhol chamou seu estúdio de “The Factory” (A Fábrica) para lembrar as coisas produzidas em série.



O estúdio era um grande galpão, quase sem mobília, com as paredes de prata brilhante e iluminação igual à de um teatro. As paredes não eram pintadas, mas forradas com papel-alumínio. Eu ia adorar ter um quarto assim, como a fábrica prateada!

A Fábrica ficava aqui em Nova York, na ilha de Manhattan,

e era um lugar muito animado, onde Warhol fazia suas telas, dirigia filmes e promovia festas frequentadas por artistas e personalidades como Mick Jagger, Lou Reed e Salvador Dalí.

Warhol registrava tudo com câmeras Polaroid, aquelas que imprimem as fotos na hora, sabe? Até o jogador brasileiro de futebol, o Pelé, foi fotografado pela Polaroid do Warhol.



Andy Warhol gostava mesmo de coisas repetidas.

Ele produziu retratos em série de ídolos da música e do cinema usando a técnica de serigrafia, que é um processo de impressão que permite criar muitas obras iguais. Na indústria, a serigrafia é usada para fazer rótulos de produtos e estampar tecidos, como camisetas.

Quando Marilyn Monroe morreu, Warhol decidiu fazer uma homenagem a ela.

Usou uma fotografia de um filme e a reproduziu repetidamente, mudando apenas as cores. Ele não ligava quando a tinta entupia os pontos de impressão, pois curti essas imperfeições.

Foi na Fábrica que Warhol começou a colecionar as cápsulas do tempo. Desde pequeno, ele coletava todos os tipos de objeto e passou a guardar cartas, presentes, fotografias – tudo que servisse de material para seu trabalho – em caixas de papelão no estúdio. Ele fechava uma caixa por mês e, quando morreu, foram encontradas 600 caixas!

Eu sou uma bagunceira, mas Andy era o homem da arrumação. Ele também tinha um diário. Foi nesse diário que ele contou a respeito do primeiro encontro que teve com: Jean-Michel Basquiat. Warhol anotou mais ou menos isso:



Saí para almoçar com um amigo que trouxe consigo Jean-Michel Basquiat. Tirei uma foto dele com minha câmera Polaroid. Ele perguntou se podia fazer uma foto minha também. Convidei-o para almoçar, mas ele saiu sem comer. Cerca de uma hora e meia depois, quando ainda estávamos no restaurante,



um assistente do rapaz voltou trazendo um presente – uma tela com um retrato duplo nosso.

A tinta ainda estava molhada. Fiquei enciumado, ele era mais rápido do que eu.

Warhol usava sempre uma peruca de cabelo branco meio prateado e, às vezes, dava para ver o cabelo preto dele por baixo. Ele adorava vestir jaquetas de couro pretas e óculos grandes, cool!

Basquiat ficou famoso em um evento do qual eu adoraria ter participado. Havia muitos edifícios por aqui que estavam sem moradores enquanto cidadãos nova-iorquinos não tinham onde morar. Não era justo e, para divulgar esse problema, organizaram uma exposição em um prédio vazio na Times Square para a qual foram convidados pintores, músicos e outros artistas. O evento ganhou o nome de “Times Square Show” – era bem legal, metade dos artistas eram mulheres (muitas feministas, como eu) e havia vários negros também. Basquiat ocupou um quarto de esquina e pintou dois murais abstratos, sendo que um ia do chão ao teto.

Os críticos amaram seu trabalho e disseram que era a primeira arte radical apresentada nos anos 80.



Uma hora Basquiat estava grafitando seus "textos pintados" nos muros das ruas dos bairros do Soho e do East Village e, no momento seguinte, tornou-se um pintor muito conhecido. As palavras não sumiram de sua obra, continuavam lá, mas agora dividiam o espaço com pinceladas violentas, figuras do esporte e da música, referências aos quadrinhos, racismo, história da arte, ruas de Nova York, imagens dos livros de ciência. Na primeira exposição individual de Basquiat, todos os quadros foram vendidos. Uau! Ele ganhou centenas de milhares de dólares em apenas uma noite!

Andy Warhol reconheceu o talento de Basquiat e virou seu padrinho.

E de repente estavam os dois trabalhando juntos. Juntos mesmo, nas mesmas telas. Se fossem pianistas, podíamos dizer que compunham a quatro mãos, mas nesse caso eram pinturas a duas mãos. Andy começava a tela com uma serigrafia e Basquiat desenhava uma máscara, escrevia uma palavra, e assim por diante.

Era uma espécie de casamento, os dois formavam uma grande dupla. Eles criavam uma obra atrás da outra e chegaram a pintar aproximadamente 150 quadros em mais ou menos um ano!



De todos esses trabalhos, os artistas escolheram as 16 melhores obras para compor uma exposição chamada

“Warhol & Basquiat: Pinturas”.

O cartaz da mostra ficou muito famoso, com a imagem dos pintores usando calções e luvas de boxe. Basquiat adorava o esporte, e o cartaz reproduzia os anúncios das lutas.

A exposição, porém, foi um fracasso. Os especialistas não gostaram nada do que viram, e a crítica negativa abalou a amizade da dupla, que não se falou mais. Só que o tempo mostrou que os críticos de arte estavam errados, e hoje todo mundo pensa diferente, que as telas eram, na verdade, muito boas!

53

STREET

QUINTA AVENIDA

Conheci outro artista andando de metrô: Keith Haring.

Ele era da Pensilvânia, mas tinha se mudado para Nova York e adorava estar na cidade grande, na Big Apple, onde tudo acontecia.

No metrô, as paredes das estações tinham painéis com espaços vazios para propaganda, em geral com um fundo preto. Keith pensou: "Esses painéis estão pedindo para serem desenhados!" O fundo preto dava um ótimo contraste com os traços brancos do giz. E giz era barato.



Seus desenhos eram simples, como pirâmides, salsichas, discos voadores, seres humanos, figuras com asas, aparelhos de televisão e animais.

Com frequência, Keith chegava a fazer 30 ou 40 desenhos em um dia.

Era mais fácil grafitar escondido dentro do vagão; nos painéis das estações, era mais arriscado, porque ele ficava mais vulnerável e podia ser facilmente pego pelos policiais. Mais de uma vez ele foi levado algemado por um, que depois viu que seus colegas policiais eram fãs de Keith e queriam apertar sua mão.

Keith atraía a atenção dos frequentadores do metrô. Era comum as pessoas simplesmente ficarem de pé, observando-o trabalhar, mas às vezes elas perguntavam o que seus desenhos significavam. E ele respondia: "Decidir é seu trabalho, eu apenas faço o desenho".



Um bebê engatinhando com raios ao redor, o "bebê radiante", tornou-se uma espécie de assinatura dele.

Em pouco tempo, Keith já era uma celebridade e vendia suas obras nas galerias, mas o que ele gostava mesmo era de desenhar onde todos pudessem ver: muros, fachadas de prédio, escolas e hospitais. Embora fosse mais conhecido como um artista de Nova York, Keith viajou por todo o mundo para pintar murais públicos em Paris, Berlim, Pisa, Sydney e até no interior da Bahia ele chegou, em uma cidade chamada Serra Grande.

Lichtenstein dizia que não havia nada que você pudesse pensar que gostaria de mudar quando Keith terminava um trabalho. Tudo estava lindamente desenhado.

Keith Haring era muito amigo de Basquiat e, um dia, pintou para ele um quadro de presente:

"Uma pilha de coroas para Jean-Michel Basquiat"



A coroa de três picos tinha se tornado um símbolo de Basquiat:

ela aparecia em muitas das suas telas sobre a cabeça das pessoas que ele admirava, como os boxeadores Jack Johnson e Muhammad Ali, os músicos Charlie Parker e Dizzy Gillespie, além do próprio Keith Haring.

Basquiat contou a um jornalista que, em suas pinturas, as coroas dão aos personagens um status de força e heroísmo. Acho que vou pintar uma coroa na minha Super Queen Lola.



Mas rei mesmo era o Basquiat que, com apenas 24 anos, chegou a ser capa da revista The New York Times! Irado!

Dividi aqui com vocês meus artistas favoritos.

Nova York não era uma cidade fácil, tinha muitos problemas, mas mesmo assim Keith Haring animou o metrô com seus seres incríveis. Quando quase nenhum taxista parava para negros, Basquiat reinou com seu talento. Com 21 anos ele já era sensação em Nova York. “O artista é alguém que produz coisas que as pessoas não necessitam ter”, dizia Andy Warhol, que em um prédio velho e sem valor construiu uma fantástica fábrica prateada onde serigrafias de latas de sopa, garrafas de refrigerante e caixas de sabão em pó saíam direto para os museus.

Meus irmãos e outros irmãos do Bronx invadiam as ruas com sua dança, e as rádios, com seus protestos e ritmo. Fizemos bonito e demos nosso recado.

Parece que entramos para a história, né?

Não é à toa que papai falou que não há um palco como a Big Apple.



Legenda das obras

Página 7

Nascer do Sol [Sunrise]

Roy Lichtenstein, 1965
Litografia em offset em vermelho, azul e amarelo.
46,7 x 62 cm
Hamburgo, Museum für Kunst und Gewerbe

Página 8

Moça chorando [Crying Girl]

Roy Lichtenstein, 1964
Esmalte sobre placa de aço
117 x 117 cm
Milwaukee Art Museum

Página 15

Latas de Sopa Campbell [Campbell's Soup Cans],

Andy Warhol, 1962
Tinta de polímero sintético sobre tela
50,8 cm x 40,6 cm cada
Museu de Arte Moderna, Nova Iorque

Página 16

Marilyn Monroe

Andy Warhol, 1967
Serigrafia
91 x 91 cm

Página 21

Bebê Radiante [Radiant Baby]

Keith Haring, 1982

Página 22

Uma pilha de coroas para Jean-Michel Basquiat [A Pile of Crowns, for Jean-Michel Basquiat]

Keith Haring, 1988.
Acrílico sobre tela
274,32 x 304,8 cm

© Estate of Roy Lichtenstein / AUTVIS, Brasil, 2018.

© 2018 - The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc./ Licensed by AUTVIS, Brasil.

© Keith Haring artwork © Keith Haring Foundation.

Patrocínio

Banco do Brasil

Realização

Ministério da Cultura
Centro Cultural Banco do Brasil

Projeto educativo

Sapoti Projetos Culturais

Coordenação-geral

Daniela Chindler

Coordenação administrativo-financeira

Fernanda Galvão
Larissa Altoé
Simone Vieira

Coordenação de produção

Adriana Xerez
Fabiana Martelotte

Assistente de coordenação educativa

Cíntia Faria

Estagiários

Bárbara Martins
Rafael Ribeiro

PROGRAMA CCBB EDUCATIVO DIÁLOGOS E SENTIDOS

Coordenação educativa

Izabela Mariano
Luiz Silva

Coordenação de produção

Natália Salles

Assistente de coordenação educativa

ZUG Produções Culturais

Educadores

Beatriz Barros
Bruno Lourenço
Bruno Ramos (Surdo)
Jéssica Policastri

Intérprete de Libras

Anne Magalhães

Estagiários

Alex Campelo
André Souza
Anna Belinello
Carla Ferraz
Clara Lobato
Fabiano Lira
Gustavo Braustein
Marcos Ogawa
Mario Rezende
Nayara Patente
Pedro Furtado

CADERNO DE MEDIAÇÃO JEAN-MICHEL BASQUIAT

Redação

Daniela Chindler

Colaboração

Adriana Xerez

Ilustração

Cíntia Faria

Revisão textual

Marcela Lima

Projeto gráfico

Gabriel Victal

EXPOSIÇÃO

JEAN-MICHEL BASQUIAT

OBRAS DA COLEÇÃO MUGRABI

25 de janeiro a 07 de abril de 2018

Coordenação geral

Art Unlimited
Pieter Tjabbes
Tânia Mills

Curador

Pieter Tjabbes

L Livre para todos os públicos

Centro Cultural Banco do Brasil - São Paulo

Rua Álvares Penteado, 112 - Centro - SP. Próximo às estações Sé e São Bento do Metrô

Informações: (11) 3113-3651/3652 | **Agendamento:** (11) 3113-3649

SAC: 0800 729 0722 | **Ouvidoria BB:** 0800 729 5678 | **Deficiente Auditivo ou de Fala:** 0800 729 0088

Alvará de Funcionamento nº 2017/14012-00. Validade: 26/07/2018.

Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros nº 337826. Validade: 28/01/2019.

bb.com.br/cultura | [f /ccbbbsp](https://www.facebook.com/ccbbbsp) | [@ccbb_sp](https://twitter.com/ccbb_sp) | [i /bancodobrasil](https://www.instagram.com/bancodobrasil)

Educativo

Produção

Apoio

Patrocínio



SAPOTI



GRUPO SEGURADOR



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

